

Regional Goiano

Nogueira Moutinho

Bernardo Élis, em *Veranico de Janeiro* (Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1966) não pretende senão fixar no plano literário a fisionomia humana, a paisagem física, a língua, a gente, os costumes e tipos, o primitivismo agreste das vastidões de Goiás. O escritor não se desliga de suas matrizes crônicas, não pretende ultrapassar os contornos dos seus campos, mas destaca e elege, na multiplicidade episódica de seu cenário da infância, da juventude e da maturidade, os incidentes típicos, capazes de permanência e subsistência no plano da arte, revelando uma dolorosa face do homem brasileiro. Não é simplesmente fixação do típico, do curioso, do peculiar, a tônica deste livro de contos de um escritor que, estreando há vinte anos (1944) com *Ermos e Gerais*, já nos domínios da temática regional goiana, mantém-se fiel ao desígnio de incorporar ao conjunto de nossa novelística largos tratos de terra, dos mais estranhos e fechados de nossa geografia humana e física, o seu Estado natal. Encravado nas solidões interiores, Goiás não se assemelha em sua pobreza e em dignidade a nada do que o rodeia. Dialetalmente é independente, psicologicamente é independente. Esteticamente, portanto, oferece brecha para uma reconstrução novelesca autônoma e desligada do contexto em que estamos todos inseridos.

Autor passionalmente impregnado da realidade sombria, miséria e clima noturno que envolvem os lugarejos ermos e agrestes em que viceja o seu pobre universo humano, as raízes do irracional florescem com freqüência nestes relatos de uma pungência contida, seca, conformada e agressiva em sua mudez vegetal. É o caso do conto "A Enxada", por exemplo, a meu ver a peça mais importante do conjunto. Colocando um tema perigoso pela proximidade do melodramático, do demagógico, do falso lírico e do sentimental de baixo estoque, mantém-se num nível isento de facilidades, revisto de pura tonalidade literária, no que essa classificação tem de melhor e de mais

genuíno. Todo o drama encerrado nesta história lancinante decorre da carência angustiosa de um miserável instrumento de trabalho, de uma ferramenta banal e desprezível. A sua ausência, entretanto, e tudo quanto daí decorre é que transformam em pungência aflitiva a convivência com os seres que povoam o relato.

Um dos elementos de maior importância do *Veranico* é sem dúvida a fixação do linguajar regional goiano, mas embora esse falar típico se tenha entranhado poderosamente na língua literária de seu autor, ela não é o seu único veículo de comunicação. Leiam-se, por exemplo, estes parágrafos do conto "Rosa", amostragem do quanto pode em força e expressividade, o estilo de Bernardo Élis:

"Súbito, as nuvens cambalearam, rolaram num desmoronamento sem fragor para o sul. Uma lufada braba passou pelo vale do rio abaixo, expandongando o arvoredado e levantando a poeira esturricada do chão. As águas do rio como que se encorporaram, adquiriram uma tonalidade fosca de coisa viscosa.

Nesse dia, a noite caiu assim sem que ninguém desse por fé e quando se percebeu foi porque uma velha cata-cega perguntava por que não haviam ainda acendido a candeia de azeite. Uns trovões sacudiam o lusco-fusco, mas, se perguntassem para que rumo que era, ninguém dava procedência. Com coisa que era o meio do chão que retremia retumbando. Os corta-paus resmungavam mais gaguejado, a voz como que grossa de ódio e de maldade."

Guimarães Rosa, falando do escritor, afirma que este traz "situações novas à nossa ficção". Revelam-se, realmente, neste livro, traços absolutamente incomuns. Bernardo Élis estrutura suas histórias com uma solidez e um sentido estilístico raramente encontráveis em nossa novelística, que, de resto, excetuados alguns valores, parece desorientada e incapaz de decidir-se por rumos fecundos e renovadores. A literatura, como a pratica Bernardo Élis, mergulho da imaginação em dados positivos e reais, é um caminho, embora não seja a estrada real da ficção. Esta é a descoberta e a revelação do "homem subterrâneo", tal como fez Dostoievski, tal como o fez Gogol, tal como o realizou Bernanos. Mas esse estágio, do qual estamos distantes, somente se atinge através de uma longa preparação. É essa preparação necessária, imprescindível, preciosa, que livros como o de Bernardo Élis executam.

Transcrição do Suplemento *Folha Ilustrada*, *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 3 abr. 1966 – Fundo Bernardo Élis/CEDAE.